



O Exílio de Samaria

The Exile of Samaria

CECILIA TOSELI^a

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o tema do Exílio de Samaria a partir de fontes textuais bíblicas e assírias, considerando o contexto histórico-cultural do sistema provincial assírio no séc. VIII AEC. A hipótese heurística é que norte-israelitas participaram ativamente no processo de negociação de sentidos atribuídos ao fim do antigo reino de Israel, seja do novo conceito de "Israel", seja na configuração de certo imaginário antissamaritano, por exemplo.

Palavras-chave: Exílio. Samaria. Deportação. Norte-israelitas. Fontes textuais.

Abstract

The purpose of this article is to present the theme of the Exile of Samaria based on biblical and assyrian textual sources, considering the historical and cultural context of the Assyrian provincial system in the 8th century BCE. The heuristic hypothesis is that northern israelites actively participated in the process of negotiating meanings, either in the new concept of "Israel" or the configuration of an antissamaritan imaginary, for example.

Keywords: Exile. Samaria. Deportation. Northern israelites. Textual sources.

^a Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Mestre em Ciências da Religião da, e-mail: cecilia.toseli@gmail.com

Introdução

Os textos bíblicos apresentam diferentes perspectivas sobre o Exílio¹ de Samaria no final do séc. VIII AEC. São textos potencialmente significantes, com uma longa história de recepção. O objetivo neste artigo não é apresentar um exercício exegético de cada um desses textos, e sim chamar a atenção para a possibilidade de mudança de pressupostos interpretativos que considerem a queda de Samaria a partir, exclusivamente, da perspectiva judaíta. Isso não significa, simplesmente, inverter a polaridade, passando-se a interpretar todos os textos a partir da perspectiva norte-israelita, o que não alteraria em nada o processo hermenêutico. Trata-se, antes, de considerar a presença ativa de norte-israelitas no processo de negociação de sentidos, múltiplos e controversos, relativos ao fim da monarquia em Israel Norte, tanto internamente (entre norte-israelitas), quanto externamente (em relação ao vizinho reino/província de Judá). Uma vez que não houve destruição física da cidade de Samaria, nem abandono da região, apesar do declínio populacional após as deportações impostas pelos assírios nos anos 720 AEC, as controvérsias em textos bíblicos tardios corroboram a afirmação de que os samarianos² continuaram atuantes e influentes, inclusive mantiveram sua hegemonia em relação à província de *Yehud* durante o período persa e parte do período helenístico.

O cotejamento entre fontes textuais bíblicas e assírias e o contexto histórico-cultural do sistema provincial assírio no séc. VIII AEC pretende trazer à tona a diversidade das mensagens geradas pelas ações assírias nos últimos anos do reino de Israel Norte, particularmente em relação às deportações impostas por Sargon II (722-705 AEC). Tais ambiguidades, mais do que uma relação unívoca de causa e efeito entre texto e contexto, integram o

¹ Neste artigo, consideramos o conceito de "exílio" (glh, em hebraico) em sua acepção geral de "sair", "ir para o exílio", "deportar", "banir", e não no sentido específico de um conceito completo relativo à autocompreensão de Samaria/Israel Norte, que represente uma profunda transformação de sua Literatura e Religião (cf. BEN ZVI, E.; LEVIN, C. (ed.). *The Concept of Exile in Ancient Israel and its Historical Contexts*. Berlin: de Gruyter, 2010).

² O uso do termo "samariano" se reporta aos habitantes da região/cidade de Samaria, e assim são chamados nas fontes textuais assírias (ou pela expressão "Bit Humria") no primeiro milênio; "samaritano" se refere àqueles que prestam culto no Monte Garizim, a partir do final do período persa.

complexo processo de configuração do passado, no caso, da elaboração das memórias bíblicas do Exílio de Samaria, particularmente entre samarianos (mas também em suas relações com judaítas).

Neste sentido, proponho o reconhecimento da presença (potencial e ativa) de samarianos no surgimento do novo conceito de “Israel” e na configuração de certo imaginário crítico em relação à Samaria entre norte-israelitas, após a queda do reino de Israel Norte.

Este artigo apresenta, então, memórias bíblicas do Exílio de Samaria, fontes textuais assírias dos sécs. VIII-VII AEC que citam “samarianos” na região central do império e o cenário das deportações após a queda definitiva de Samaria em 720 AEC. As considerações sobre a participação de norte-israelitas no processo de elaboração das memórias bíblicas do Exílio de Samaria são feitas no final.

1. Memórias bíblicas

Os textos bíblicos apresentam, basicamente, duas perspectivas sobre a vida dos norte-israelitas após a queda de Samaria em 720 AEC: uma está no livro de Reis e a outra na literatura profética e na literatura cronista.

O texto de 2Rs 17 narra os acontecimentos finais em torno da queda de Samaria: a transferência de toda a população de Samaria para a Assíria e as “cidades dos medos”, e sua substituição por estrangeiros de diferentes regiões do império. Deste modo, prevalece a ideia de que a história do reino de Israel Norte chegara a seu fim, tendo sua população se dissipado em terras longínquas. A vinda de estrangeiros trazidos pelos assírios foi considerada fator decisivo na mudança étnica de Samaria, sendo associada, por conseguinte, à ruptura das tradições culturais e religiosas de Israel Norte. Doravante, a população de Samaria já não será considerada descendente dos antigos israelitas, e sim a nova comunidade formada por estrangeiros (LEITH, 2014, p. 267-269; LEVIN, 2013, p. 231-232).

De acordo com a visão de mundo subjacente à narrativa de Reis, a perda da terra é o castigo decorrente da quebra da Aliança com Javé, e a “paga” pelos pecados é concluída com a promessa de retorno do exílio, como no caso dos judaítas deportados pelos babilônios no início do séc. VI

aEC (cf. Is 40,15). Essa possibilidade, porém, não foi concedida aos samarianos no relato do livro de Reis. Não houve chance de remissão do pecado de Samaria — a punição de Israel foi cabal, e seu destino final, a expulsão definitiva da própria terra. Geralmente associa-se o subsequente antissamaritanismo à visão preponderante, senão exclusiva, de judaítas, após a queda do reino de Israel Norte.

Na literatura profética e na literatura cronista, no entanto, apresenta-se uma perspectiva contrastante. Não somente parte da população de Samaria permaneceu na província, como houve forte intercâmbio, por exemplo, entre Ezequias, rei de Judá, e norte-israelitas que permaneceram em suas terras, após as deportações assírias do final do séc. VIII AEC (Am 9,8; 2Cr 30,1.5-6.21.25; 34,8-11.21, etc.). Outros textos informam que samarianos se refugiaram em Judá e, talvez, em Galaad e Moab/Pereia (Jr 50,19-20; Esd 2,6.29; 1Cr 5,3-8, etc.). E, finalmente, quanto àqueles que, de fato, foram deportados para a Assíria, ao contrário do livro de Reis, houve a expectativa de retorno (Is 10,20-23; 11,11-13; Jr 3,6-13.18; 30; Ez 37,15-23, etc.; BARMASH, 2005, p. 209, 231). Ou seja, do ponto de vista teológico, o perdão é concedido à Samaria e, conseqüentemente, a possibilidade de um futuro para os samarianos.

Curiosamente, a maioria dos textos que falam do retorno de samarianos da Assíria apresenta um conceito ampliado de “Israel”, que passa a incluir judaítas, e aponta “Sião” como o lugar simbólico da reunião dos dispersos. O novo conceito bíblico de “Israel” algumas vezes é interpretado como proposta de reunião de norte-israelitas e judaítas no final do séc. VII AEC; outras vezes, representa apenas judaítas exilados, ou agrega os judaítas não exilados, no período de restauração de Jerusalém, a partir do séc. V AEC (Esd 1 – 6 [6,17]; Ez 37,1-14). Ambas as alternativas, contudo, adotam a perspectiva sulista, associando a esses textos, respectivamente, seja o pano de fundo do reinado de Josias (640-609 aEC); seja o ambiente de rivalidades internas na província de Judá, decorrente da “volta” dos exilados de Jerusalém a partir, segundo o texto bíblico, do chamado “Edito de Ciro”.

A seguir, são apresentadas fontes textuais assírias que atestam a presença de samarianos bem-sucedidos na região central da Assíria nos sécs. VIII-VII AEC. Tal evidência aponta os diferentes efeitos das deportações entre

os samarianos e, conseqüentemente, a necessidade de reconsiderar o potencial de sua participação no processo de elaboração das memórias bíblicas do Exílio de Samaria. A afirmação tradicional de que os norte-israelitas se dispersaram na Assíria e logo perderam sua identidade não se justifica completamente, do mesmo modo que as evidências indicam que nem todos os habitantes de Samaria foram deportados.

2. Fontes textuais assírias

As fontes textuais assírias disponíveis incluem documentação de diferentes gêneros (HASEGAWA, 2019, p. 1-14). Os registros administrativos, especialmente cartas endereçadas ao palácio real, fornecem informações que permitem a elaboração de um quadro mais completo da estrutura administrativa imperial. As inscrições régias estão mais suscetíveis às intenções propagandísticas do rei: uma linguagem intimidadora na descrição de cenários de guerra, que acentua a ideia de invencibilidade do rei assírio; ou uma linguagem benevolente e amigável quando se trata de cooptar aliados importantes (TAPPY, 2019, p. 156-168).

Na seleção dos textos, o critério adotado foi a menção explícita dos termos “samariano” ou “Samaria”, onomásticos e elementos teofóricos³. O critério onomástico por si não é um indicador confiável sobre origem étnica e cultural, mas juntamente com outros critérios, é sugestivo, como veremos.

Os textos apresentados fazem referência a samarianos assentados na região central da Assíria, em Hala e Gozã, identificadas, respectivamente, como a *Halahhu* e a *Guzana* assírias (RADNER, 2019, p. 106), no final do séc. VIII e durante o séc. VII AEC. São profissionais especializados, militares e civis, que usufruem de condições de vida favoráveis no exílio (RADNER, 2019, p. 113-122).

a) Militares bem treinados

³ Dado o limite de páginas neste artigo, a seleção ateuve-se a uma amostra ilustrativa. Para outras fontes assírias relevantes, ver: FRAHM, 2019, p. 55-86, com bibliografia complementar.

Três inscrições de Sargon II mencionam a integração de oficiais samarianos e seus carros de guerra às forças armadas assírias, especificamente ao destacamento pessoal do rei Sargon: o Prisma de Calah, os Anais de Dur-Sarruken e uma Inscrição Sumária de Dur-Sarruken.

No Prisma de Calah (GADD, 1954, p. 173-198), que abrange eventos até o ano 706 AEC, nas linhas 31 a 41, lê-se:

27.280 pessoas juntamente com [seus] carros de guerra e os deuses nos quais eles confiavam, eu contei [como] espólio. Eu reuni do meio deles 200 carros de guerra (tropa)s para o meu contingente real. O resto deles eu estabeleci na Assíria. Eu repovoei Samaria, tornando-a mais (populosa) do que antes. Eu tinha pessoas de (várias) terras eu tinha conquistado entrado nelas. Um de meus eunucos eu instalei sobre eles como um governador da província]. Eu impus [tributo] e taxas sobre eles como (se eles fossem) assírios (FRAHM, 2019, p. 72)⁴.

Nos Anais de Dur-Sarruken (FUCHS, 1994, p. 87-88, 313-314), que abrange eventos até o ano 707 AEC, nas linhas 15 a 17, os escribas de Sargon se expressam da seguinte maneira:

[27.280 das pessoas que viviam no meio de (Samaria)] eu levei embora. De [meio delas, eu reuni] cinquenta carros de guerra (tropa)s para meu contingente real. [O resto deles eu estabeleci na Assíria]. Eu repovoei Samaria], tornando-a mais (populosa) do que antes. [Eu tinha] pessoas de (várias) terras eu tinha conquistado [entrado. Um dos meus eunucos eu instalei sobre eles como um governador da província]. Eu impus [tributo] e taxas sobre eles (como se eles fossem) assírios (FRAHM, 2019, p. 70-71).

E na Inscrição Sumária de Sargon de Dur-Sarruken (FUCHS, 1994, p. 196-197, 344), que também abrange eventos até o ano 707 AEC, nas linhas 23 a 25, é dito que:

27.280 (Variantes: 27.290; 24.280) das pessoas que viviam no meio de (Samaria) eu levei embora. Do meio delas, eu reuni cinquenta carros de guerra. Eu deixei o resto retornar a seus trabalhos novamente. Eu instalei sobre eles um dos meus eunucos e impus sobre eles tributo (como sob) um rei anterior (FRAHM, 2019, p. 72).

Os reis assírios costumavam integrar em suas forças armadas os carros de guerra e os militares de exércitos derrotados, particularmente as unidades

⁴ Tradução (literal) própria para o Português a partir da versão em língua inglesa citada em FRAHM, 2019.

altamente treinadas. No caso de Samaria, os oficiais e seus carros de guerra não somente foram integrados ao exército imperial, como o foram especificamente no “contigente régio” (*kisir sarruti*), que estava sob o comando direto de Sargon.

Textos administrativos de Calah (DALLEY; POSTGATE, 1984, p. 176), possivelmente dos anos 710-708 AEC, também atestam a presença de oficiais militares samarianos na Assíria. Quase uma década após o início das deportações, um grupo de treze comandantes associados à cidade de Samaria é citado neste documento, talvez relacionado à organização do exército de Sargon enviado contra a Babilônia: “Ibba-dala, Dala-ahi, Yau-ga, Atamru, Ahi-idri, Abdi-Milki, Bel-duri, Narmena, Gabbe, Sama’, Ahi-idri, Bahi, Ahi-Yau: no total, 13 (de) Samaria, sob o comando de Nabu-bel-ka” (DALLEY, 1985, p. 31-48).

Os comandantes das equipes das carruagens têm nomes de etimologia majoritariamente semítica ocidental, sendo que dois deles são formados com o elemento teofórico *Ya-*: Yau-ga, “Yahweh é exaltado”, e Ahi-Yau, “Meu irmão é Yahweh” (BAKER, 2000, p. 497; RADNER, 1998, p. 63).

À mesma época, em 709 AEC, um documento legal privado encontrado em Nínive (KWASMAN; PARPOLA, 1991, n. 34) registra a venda de um escravo a um militar do contingente régio, condutor de carro de guerra, chamado Summa-ilani. A testemunha da transação é também condutora de carro de guerra e seu nome é Nadbi-Yay, que significa “Impelido por Yahweh” (BAKER, 2001, p. 915). Como os carros de guerra samarianos faziam parte do destacamento pessoal do rei, e muitos de seus membros tinham nomes javistas, além de o comprador ser também do corpo militar régio, parece razoável supor que a testemunha Nadbi-Yau também pertencesse a esse destacamento específico do exército assírio (RADNER, 2019, p. 116).

Outros textos administrativos de Calah (DALLEY; POSTGATE, 1984, p. 6) ainda mencionam os chamados “terceiros homens de Samaria” (3-sú.MES^{KUR}*Sa-mir-na-a-a*, 1.6), ao lado dos “Terceiros Homens de Hatti” (3-sú.MES^{KUR}*Há-t[a]-a-a*, 1.10) e de outras categoriais militares, e os relacionam à lista de provisão alimentar. Esses “terceiros homens de Samaria” eram militares também do destacamento pessoal de Sargon II.

b) Mão-de-obra especializada

A correspondência entre Sargon e seus governadores e oficiais administrativos registra detalhes relativos à construção de nova capital Dur Sarruken, em Hala, região central da Assíria (PARPOLA, 1995, p. 47-77). Uma dessas cartas menciona os “samarianos”. Eles eram carpinteiros e oleiros que coordenavam outros deportados na obra do palácio, ou talvez fossem ceramistas que produziram painéis de tijolos vitrificados decorativos na residência de Dur-Sarruken (KERTAL, 2015, p. 120). Os carpinteiros e oleiros são designados como *ummanu*, termo assírio para “especialista”, ou seja, um profissional altamente treinado:

O que o rei, meu senhor, escreveu para mim: ‘Forneça a todos os Samarianos ([LU.Sa]-mir-i-na-a-a) em seu cargo o trabalho em Dur-Sarruken’ – Eu subsequentemente enviei uma mensagem aos líderes do clã (LÚ.na-si-ka-a-ni), dizendo: ‘Colete todos os carpinteiros e ceramistas; deixe-os vir e dirigir os deportados (LÚ.hu-ub-te) que estão em Dur-Sarruken.’ Mas eles não concordaram em enviá-los. Certamente, se eu tivesse enviado [ameaçadoras] cartas aos líderes do clã, dizendo: ‘Se, de fato, vocês não me enviarem especialistas (LÚ.um-ma-ni) para trabalhar para mim, todas as pessoas que estão aqui [enfrentarão terríveis conquências],’ eles teriam enviado os especialistas prontamente para trabalhar para mim. Agora (entretanto), seguindo o rei, as instruções do meu senhor, eu estritamente [...] não discuto com nenhum dos líderes do clã. Eu nomeei carpinteiros e ceramistas [...] (FUCHS; PARPOLA, 2001, n. 280).

Destaca-se nessa correspondência que o oficial de Sargon foi enviado para negociar com os líderes do clã (*nasi-ku*), a fim de organizar a força de trabalho samariana. Neste caso, evidencia-se que estruturas sociais nativas dos grupos reassentados, explicitamente dos samarianos, não somente foram preservadas, como se esperava que as autoridades assírias as respeitassem, evitando-se conflitos com as lideranças dos trabalhadores deportados.

c) Proprietários de imóveis

Um documento legal encontrado em Assur (Arquivo N18; PEDERSÉN, 1986, p. 106-107) registra a venda de um imóvel de um samariano em Gozã, na região central da Assíria, no ano 700 AEC:

Em vez do seu selo, ele imprimiu a unha. Unha de Sama', Samariano, filho de Samas-bel-ketti, de Guzana, proprietário de uma casa de banho que está sendo vendida. Uma casa de banho com vigas e portas, e uma parede entre Ribsisi and Hallabese, (propriedade) de Sama' na cidade de Guzana – Qiseraya, chefe [...] Jean, contratou e comprou-a por cinquenta shekels de prata. O dinheiro é pago completamente. A casa de banho em questão é adquirida e comprada. Qualquer revogação, ação judicial ou litígio é nulo. Quem no futuro, a qualquer momento, seja Sama' ou seus filhos, seus netos, seus irmãos, seus parentes ou qualquer litigante dele que busque um processo ou litígio com Qiseraya e seus filhos, colocará dez minas de prata refinada e uma mina de puro ouro no colo de Adad, que reside em Guzana; amarrará quatro cavalos brancos aos pés de Sin, que reside em Harã; e retornará o dinheiro dez vezes para o seu dono. Ele contestará sua ação judicial e não terá êxito. Testemunha Abba-...aya, estudioso; testemunha Zanbalâ, árabe; testemunha Abarrâ, estudioso do Templo de Adad; testemunha Usirihuhurti, egípcio; testemunha Adda-bi'di, comerciante; testemunha Adad-ahu-usur, do Templo; testemunha Haia-eres; testemunha Gabrî; testemunha Adda-sakâ, filho de Huiiri; testemunha Palti-Yau, inspetor; testemunha Mizi-Yau, inspetor; testemunha Ah-abi, inspetor; testemunha Mini-ahhe, coureiro de Il-nemeqi; testemunha Siranû e Alara, seus...; testemunha Buraya, cervejeiro-chefe do governador de Guzana; [testemunha...]aya; testemunha Ni...ni; testemunha Nabu-ahu-[...], detentor da tabuleta. Mês de Tishri (VII), primeiro dia, ano epônimo de Metunu (700 aEC.). Um shekel de prata para uma unha (DONBAZ; PARPOLA, 2001, n. 53; DRAPER, 2015, p. 6).

O vendedor é um samariano com nome semítico ocidental, Sama', que significa “Ele ouviu”, residente em Gozã. Seu nome é o mesmo do oficial militar da equipe samariana de comandantes do destacamento região que vimos acima. O seu pai tem nome de origem acadiana, Sama-bel-ketti, “O deus sol é o senhor da verdade”. A transação é testemunhada por inspetores de Gozã (*ubaru* assíria) cujos nomes apresentam a raiz teofórica de *Yahweh*: Palti-Yau, “Minha libertação é Yahweh”, e ^mMi-zi-la, talvez por Mahsi-Yau, “Obra de Yahweh”. Uma testemunha é identificada como “egípcio” com nome líbio (*Usirihuhurti*); e o vizinho, proprietário de outro imóvel, também tem nome de origem líbia, Hallabese (BAKER, 2002, p. 982; 2001, p.675).

Conforme o costume em contratos assírios, os membros da família do vendedor são mencionados como potenciais litigantes. Neste caso, são mencionados aqui não somente seus (futuros?) filhos e netos, mas também seus irmãos e parentes em geral. Isso sugere que o samariano Sama' é residente em Gozã com sua família estendida, revelando-se, assim, os contornos de uma política assíria de realocação de unidades familiares inteiras, como vimos no caso do clã samariano que trabalhava nas obras do palácio de Dur-Sarruken.

d) Informante do rei

Uma carta anônima endereçada ao rei Asaradon (680 – 669 AEC), por volta dos anos 670 AEC, menciona um samariano chamado Hallabase (“^mHal-bi-sú URU.Sa-mir-i-na-a-a [x x]x xLUGAL) que apresenta um relato detalhado de crimes e delitos de vários indivíduos proeminentes de Gozã. A denúncia do samariano diz respeito ao escriba Tarsi, sua esposa Zaza e seus filhos, que são acusados de abusar de sua relação próxima de um membro da família real (LUUKO; BUYLAERE, 2002) ⁵.

O samariano Hallabese tem um título ou profissão que o liga ao rei (um [...] do rei), mas, infelizmente, a tabuleta está danificada. O seu nome de origem líbia é o mesmo nome do vizinho do samariano Sama’ que vendeu uma casa de banho em Gozã cerca de três décadas atrás. Esta segunda referência a samarianos em Gozã com nome de origem líbia sugere que havia grupos de residentes estrangeiros em Samaria, com raízes egípcias, quando o império assírio anexou Samaria (RADNER, 2019, p. 120).

e) Testemunhas com nomes javistas

Documentos legais privados encontrados na chamada Casa Vermelha, uma residência de elite localizada em Dur-Katlimmu (Tell Sheikh Hamad), no rio Habor, atestam diversas testemunhas com nomes javistas, por exemplo: Rapa-Yau (“Yahweh curou”) é testemunha em um acordo judicial de 656 AEC; Dadi-larim, filho de Ahzi-Yau (“Yahweh tomou”), é testemunha em um contrato de venda de um campo irrigado em 602 AEC; Hazaqi-Yau (“Yahweh é poderoso”) vende ou compra outro campo. Não é possível estabelecer com exatidão se os registros de nomes javistas em Dur-Katlimmu ao longo do séc. VII AEC estão relacionados a assentamentos de samarianos em Gozã, porém não é improvável. A distância entre Gozã e Dur-Katlimmu é de cerca de 160 km (RADNER, 2019, p. 121-122).

⁵ De acordo com a carta, Assur-zero-ibni socializa com os filhos do rei, vai regularmente a Nínive e não somente usa bracelete de ouro e punhal de ouro, o que denota um assírio da mais alta posição social, como também um guarda-sol – item reservado exclusivamente para a família real. Ver: ROAF, M. S. (parasol). B. Archäologisch. In: STRECK, M. P. (ed.). RIA 12, 2001, p. 192-194. Citado em RADNER, 2019, p. 120, nota 62.

Resumindo, as fontes textuais assírias acima permitem concluir que pelo menos parte dos samarianos exilados foi bem-sucedida: transferidos juntamente com suas famílias e, talvez, com algumas de suas posses, militares altamente treinados foram incorporados ao destacamento do exército pessoal do rei assírio, e artesãos, ceramistas, carpinteiros e outros profissionais com habilidades específicas foram selecionados para trabalhar nas construções do palácio residencial da nova capital assíria. Tais condições sugerem, pois, algum sucesso econômico, certa posição social e talvez alguma influência política junto ao império (no caso do delator). Portanto, não parece que os samarianos tenham se dissipado imediatamente após as deportações de 720 AEC. Ao mesmo tempo, o êxito dos exilados e sua postura colaboracionista junto ao império não significam, necessariamente, ruptura das tradições culturais e religiosas israelitas no âmbito doméstico, por exemplo⁶.

A prosperidade desses samarianos talvez correspondesse à condição de uma minoria entre os exilados, mas não era exceção, nem resultado apenas de empenho pessoal. Fazia parte da estratégia do programa assírio de deportações em massa, que adotava critérios de seleção na transferência das pessoas. A seguir serão tratados de assuntos relacionados à realidade histórico-cultural do sistema provincial assírio, considerando, particularmente, as deportações seguintes à queda de Samaria em 722/720 AEC.

3. As deportações de Samaria

A deportação dos samarianos após a queda da capital do antigo reino de Israel Norte não foi um evento único, isolado, imposto pelos assírios como forma de punição ao reino vassalo que deixou de pagar tributo ao império. De fato, as deportações faziam parte de um programa extensivo de trocas populacionais em massa, cujo objetivo era sim punitivo, constituindo um dos principais mecanismos coercitivos que asseguravam a hegemonia imperial,

⁶ Sobre estudos relativos às interações assírio-levantinas, ver: KOCH, 2018, p. 367-396.

mas também visava integrar ao centro do império regiões economicamente promissoras e geopoliticamente estratégicas.

Samaria, em particular, localizava-se no caminho de acesso ao comércio do Mediterrâneo (ELAYI, 2017, p. 45s). Assim, após a sua capitulação definitiva por volta dos anos 720 AEC, a cidade-capital foi transformada em sede da recém-fundada província assíria de *Samerina*. Isso significa que passou a integrar o circuito das transferências multilaterais de grandes contingentes populacionais do sistema provincial assírio. Portanto, as deportações impostas por Sargon II à Samaria foram bilaterais, evitando-se, assim, o despovoamento total da região e a destruição física da capital. Havia o interesse do império em manter Samaria politicamente estável e economicamente ativa.

Neste sentido, era importante que as pessoas transferidas para outras áreas do império se mantivessem saudáveis e bem abastecidas durante o percurso de deslocamento (embora nem sempre tal orientação correspondesse à realidade). Além disso, previa-se a construção de casas para as famílias e ofereciam-se oportunidades econômicas e sociais nas grandes cidades onde eram realocadas: podiam casar, possuir propriedades, fazer negócios e trabalhar em suas antigas profissões, permitindo-se e até privilegiando-se o assentamento dos deportados em comunidades que preservassem suas identidades. Deste modo, buscava-se que logo se tornassem autossuficientes e gerassem excedentes para o império (ELAYI, 2017, p. 83, 246s).

O extensivo programa das trocas populacionais assírias deixou evidências que possibilitaram reconstituir a geografia e a cronologia das deportações (RADNER, 2019, p. 108-113). Em Samaria, foram realizadas várias transferências populacionais, que duraram quase uma década, entre 722/720 AEC e, no mínimo, 713 AEC. As trocas populacionais envolveram habitantes de Samaria, do território dos medas (?), de Assur e de Hamat (RADNER, 2019, p. 109). A distância entre Samaria e o território meda, por exemplo, é calculada em aproximadamente 1.300 km, com o deserto sírio e as montanhas dos Zagros entre eles (RADNER, 2019, p. 110).

A julgar por essas trocas populacionais, planejar e executar tamanho empreendimento exigiu complexa coordenação de movimentos circulares e

justapostos que articulavam diversas e distantes regiões de um vasto território. E os deslocamentos em massa e a própria organização interna das províncias recém-fundadas levavam tempo e dispendiam recursos humanos e financeiros. Portanto, não parece que interessasse à Assíria uma política de “terra arrasada”, que gerasse prejuízo adicional. Ao contrário, com o objetivo de transformar Samaria em sede provincial, os danos físicos à cidade-capital foram mínimos (TAPPY, 2019, p. 168-184) e, apesar da queda demográfica, houve repovoamento em diversas áreas da província de Samaria (LEITH, 2014, p. 273), a fim de garantir a arrecadação de tributos por meio do incremento da produção agrícola.

Além disso, as deportações foram revestidas de um discurso propagandístico. Por exemplo, as pessoas tiradas de suas terras foram comparadas a preciosas árvores que são desenraizadas e replantadas em melhores solos pelo jardineiro mais competente, o rei da Assíria. Assim, buscava-se imprimir às deportações a ideia de que eram um privilégio e uma indicação da alta estima do rei pelas pessoas selecionadas para as transferências, isto é, ato próprio de um soberano sábio e benevolente (RADNER, 2000, p. 233-246).

Em conjunto, as ações assírias em Samaria geraram mensagens distintas. Por um lado, a preservação física da cidade e certas obras de adaptação à sede provincial, juntamente com uma linguagem “amigável” podem ter atenuado o impacto das deportações em Samaria. Tanto a elite samariana deportada, quanto lideranças locais que se alinharam aos assírios para obter vantagens, podem ter se beneficiado de uma política que cooptava elites instruídas, como foi considerada a de Samaria, para conferir certa legitimidade às práticas imperiais (KOCH, 2018, p. 367-396).

Por outro lado, o longo processo das transferências populacionais em Samaria criou uma janela temporal de quase uma década, permitindo a fuga de muitos samarianos, por exemplo, para Judá e para região de Galaad (FINKELSTEIN, 2015, p. 184-185)⁷. Esses desterros, aliados à experiência anterior com as invasões de Teglat-Falasar (745-727 AEC), dividiram muitas famílias e dizimaram a rede de solidariedade e proteção social, reduzindo as

⁷ Sobre argumentação contrária à presença de refugiados norte-israelitas em Jerusalém após a queda de Samaria, ver: GUILLAUME, 2008, p. 195-211.

condições de sobrevivência. Anos de migrações forçadas, cercos, invasões, mortes, deportações, fome, doenças e todo tipo de violência, certamente, tiveram um impacto maior na vida de refugiados e de muitos que permaneceram na província em condições desfavoráveis do que na bem-sucedida elite samariana “exilada” ou na nova elite local, que contavam com o apoio do império. As desigualdades internas podem ter acirrado antigos e novos conflitos entre grupos samarianos. Os núcleos antigos das profecias de Amós e Oseias, por exemplo, criticam as instituições políticas, civis e religiosas de Israel/Samaria, ameaçando os israelitas com as bem conhecidas deportações e destruições decorrentes das práticas punitivas das guerras assírias.

Considerações finais

As fontes textuais bíblicas e extra bíblicas relacionadas ao pano de fundo da hegemonia assíria, no final do séc. VIII e início do séc. VII AEC, evidenciam os diferentes efeitos, materiais e simbólicos, das ações imperiais entre samarianos, em particular, e norte-israelitas em geral, de tal modo que a elite transferida para a Assíria talvez nem se visse como “exilada”, uma vez que esse termo costuma ser associado à marginalização e ao trabalho servil. Inclusive, dadas as suas habilidades específicas e a probabilidade de reassentamentos por unidades familiares, parece que, pelo menos em tese, os samarianos na Assíria tiveram condições de rever o seu passado e elaborar memórias tal como geralmente se afirma em relação à elite judaíta transferida para a Babilônia no início do séc. VI AEC. Também à semelhança do que se diz sobre o retorno dos judaítas do Exílio a partir do “Edito de Ciro”, podemos indagar se houve retorno de samarianos no período de consolidação da hegemonia persa em Samaria. Afinal, o crescimento da província de Samaria, durante o período persa e parte do período helenístico, mostrou que os samarianos continuaram ativos e influentes. Se parte da golá samariana retornou como aliada dos persas e criou antagonismos, por exemplo, durante o processo de construção do templo do Monte Garizim, é possível considerar que esses samarianos que “retornaram” tenham sido vistos como não pertencentes (“estrangeiros”) à descendência dos antigos

israelitas entre os próprios habitantes de Samaria? Ou seja, é possível imaginar que tenha havido uma divisão interna em Samaria entre aqueles que disputavam a herança de “Israel”, considerando-se os “verdadeiros” herdeiros das tradições culturais e religiosas do antigo reino? É possível imaginar que os conflitos se deram, também, com o santuário de Betel, tradicionalmente considerado o depositário de memórias norte-israelitas?

Por outro lado, a necessidade de definir identidades étnicas entre Samaria, Israel e Judá parece ter crescido somente a partir da destruição da cidade de Samaria e do templo do Monte Garizim por João Hircano por volta do ano 107 AEC, acirrando-se, então, um processo de ruptura das fronteiras simbólicas. Antes disso, mesmo com suas peculiaridades, havia tradições culturais comuns, inclusive javistas. E havia uma experiência comum também de exílio, talvez até a convivência entre os norte-israelitas deportados por Sargon II e os judaítas deportados por Senaqueribe em 701 aEC e, mais tarde, pelos babilônios no séc. VI AEC, muitos reassentados em uma mesma região na Mesopotâmia (BARMASH, 2005, p. 224). Seriam quase duzentos anos de convivência! O fim da monarquia de Israel certamente ensinou lições que foram compartilhadas antes e depois da queda do reino de Judá, dentro e fora de Jerusalém, nos exílios e nas próprias terras.

Diante dessas questões, seria razoável considerar que o novo conceito de “Israel” a partir do qual judaítas (exilados ou não) tentam reconfigurar sua identidade preservada — ainda assim! — o prestígio e a “superioridade” do antigo e próspero reino que, embora politicamente extinto, mantém-se como referencial simbólico?⁸ É notável que, mesmo se insistindo na ótica exclusiva da primazia de Judá e já tendo ocorrido a queda de Samaria, seja no período josiânico, seja no período persa-helenista, o sentido da unificação de israelitas e judaítas se “materializou” na adoção do nome designativo, historicamente, do reino de Israel Norte, e não de Judá. Certamente, cada texto bíblico requer uma atenção especial. Não se trata de, simplesmente, alternar a polarização, passando-se a adotar uma primazia norte-israelita, como dissemos. Porém, considerar, na interpretação de certos textos bíblicos, as

⁸ Sobre o possível paralelo entre as disputas norte-israelitas e judaítas pelo patrimônio cultural de “Israel” e as disputas entre assírios e babilônios pela herança cultural mesopotâmica, ver: NA’AMAN, 2010, p. 1-23.

interações recíprocas, complexas, por vezes, fragmentárias e controversas, entre diversos grupos norte-isralitas entre si e com judaítas, parece-me constituir um caminho que revela a presença norte-israelita no processo de elaboração das memórias bíblicas do Exílio de Samaria, e não apenas uma visão, exclusivamente judaíta.

Referências

BAKER, H. D. (Ed.). *The Prosopography of the Neo-Assyrian Empire 2/I*. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2000.

BAKER, H. D. *The Prosopography of the Neo-Assyrian Empire 2/II*. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2001.

BAKER, H. D. *The Prosopography of the Neo-Assyrian Empire 3/I*. Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project, 2002.

BARMASH, P. At the Nexus of History and Memory: The Ten Lost Tribes. *Association for Jewish Studies Review*, Cambridge, Cambridge University Press, v. 29, n. 2, p. 207-236, 2005.

DALLEY, S.; POSTGATE, J. N. *The Tablets from Fort Shalmaneser*. London: British School of Archaeology in Iraq, 1984.

DALLEY, S. Foreign Chariotry and Cavalry in the Armies of Tiglath-Pileser III and Sargon II. *Iraq*, v. 47, p. 31-48, 1985.

DONBAZ, V.; PARPOLA, S. *Neo-Assyrian Legal Texts in Istanbul*. Saarbrücken: SDV, 2001.

DRAPER, C. Two Libyan Names in a Seventh Century Sale Document from Assus. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, n. 7, 2015.

ELAYI, J. *Sargon II, King of Assyria*. Atlanta: SBL Press, 2017.

FINKELSTEIN, I. *O Reino Esquecido*. Arqueologia e História de Israel Norte. Trad. Silas Klein Cardoso e Élcio V. S. Mendonça. São Paulo: Paulus, 2015.

FRAHM, E. Samaria, Hamath, and Assyria's Conquests in the Levant in the Late 720s BCE. The Testimony of Sargon II's Inscriptions. In: HASEGAWA, S.; LEVIN, C.; RADNER, K. (eds.). *The Last Days of the Kingdom of Israel*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019. p. 55-86.

FUCHS, A. *Die Inschriften Sargons II. aus Khorsabad*. Göttingen: Cuvillier, 1994.

FUCHS, A.; PARPOLA, S. *The Correspondence of Sargon II, Part III: Letters from Babylonian and Eastern Provinces*. Helsinki: Helsinki University Press, 2001.

GADD, C. J. Inscribed Prisms of Sargon II from Nimrud. *Iraq*, n. 16, 1954.

GUILLAUME, P. Jerusalem 720 – 705 BCE. No Flood of Israelite Refugees. *Scandinavian Journal of the Old Testament*, v. 22, n. 2, 2008, p. 195-211.

HASEGAWA, S. Introducing the Proceedings of a Multi-Disciplinary Conference. In: HASEGAWA, S.; LEVIN, C.; RADNER, K. (eds.). *The Last Days of the Kingdom of Israel*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

KERTAL, D. *The Architecture of Late Assyrian Royal Palaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

KOCH, I. Introductory Framework for Assyrian-Levantine Colonial Encounters. *Semitica*, n. 60, 2018.

KWASMAN, T.; PARPOLA, S. *Legal Transactions of the Royal Court of Nineveh, Part I: Tiglat-Pileser III through Esarhaddon*. Helsinki: Helsinki University Press, 1991. Disponível em: <http://cdli.ucla.edu/P335181>. Acesso em: 10/2017.

LEITH, M. J. W. Religious Continuity in Israel/Samaria: Numismatic Evidence. In: FREVEL, C.; PYSCHNY, K.; CORNELIUS, I. (Eds.). *A “Religious Revolution” in Yehûd? The Material Culture of the Persian Period as a Test Case*. OBO 267. Fribourg/Göttingen: Academic Press/Vandenhoeck & Ruprecht, 2014.

LEVIN, Y. Bi-Directional Forced Deportations in the Neo-Assyrian Empire and the Origins of the Samaritans: Colonialism and Hybridity. In: PELT, W. Paul van. *Archaeology and Cultural Mixture*. *Archaeological Review from Cambridge*, v. 28, 2013.

LUUKKO, M.; Van BUYLAERE, G. *The Political Correspondence of Esarhaddon*. Helsinki: Helsinki University Press, 2002.

NA'AMAN, N. The Israelite-Judahite Struggle for the Patrimony of Ancient Israel. *Biblica*, v. 91, n. 1, p. 1-23, 2010,

PARPOLA, S. The Construction of Dur-Sarrukin in Assyrian Royal Correspondence. In: CAUBE, A. *Khorsabad, Le palais de Sargon II, roi d'Assyrie*. Paris: Louvre, 1995.

PEDERSÉN, O. *Archives and Libraries in the City of Assur: a Survey of the Material from the German Excavations. Part II*. Uppsala: Almqvist & Wiksell, 1986.

RADNER, K. (Ed). *Prosopography of the Neo-Assyrian Empire 1/I*, Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project, 1998.

RADNER, K. How did the Neo-assyrian King Perceive His Land and Its Resources? In: REMKO, M. JAS (Ed.). *Rainfall and Agriculture in Northern Mesopotamia*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2000.

RADNER, K. The “Lost Tribes of Israel” in the Context of the Resettlement Programme of the Assyrian Empire. In: HASEGAWA, S.; LEVIN, C.; RADNER, K. (eds.). *The Last Days of the Kingdom of Israel*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

TAPPY, R. E. The Annals of Sargon II and the Archaeology of Samaria: Rhetorical Claims, Empirical Evidence. In: HASEGAWA, S.; LEVIN, C.; RADNER, K. (eds.). *The Last Days of the Kingdom of Israel*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

RECEBIDO: 02/06/2020
APROVADO: 26/07/2020

RECEIVED: 06/02/2020
APPROVED: 07/26/2020